

CENTRO DE ESTUDOS SOCIAIS

DICIONÁRIO DAS CRISES E DAS ALTERNATIVAS


ALMEDINA

 ces

Centro de Estudos Sociais

Dicionário das Crises e das Alternativas



DICIONÁRIO DAS CRISES E DAS ALTERNATIVAS

AUTOR

Centro de Estudos Sociais – Laboratório Associado
Universidade de Coimbra

EDITOR

EDIÇÕES ALMEDINA, S.A.

Rua Fernandes Tomás, n.ºs 76, 78 e 79
3000-167 Coimbra

Tel.: 239 851 904 · Fax: 239 851 901
www.almедина.net · editora@almедина.net

DESIGN DE CAPA

FBA

REVISÃO

Victor Ferreira

PRÉ-IMPRESSÃO

EDIÇÕES ALMEDINA, S.A.

IMPRESSÃO E ACABAMENTO

G.C. – GRÁFICA DE COIMBRA, LDA.

Palheira Assafarge, 3001-453 Coimbra

producao@graficadecoimbra.pt

Abril, 2012

DEPÓSITO LEGAL

....

Os dados e as opiniões inseridos na presente publicação são da exclusiva responsabilidade do(s) seu(s) autor(es).

Toda a reprodução desta obra, por fotocópia ou outro qualquer processo, sem prévia autorização escrita do Editor, é ilícita e passível de procedimento judicial contra o infractor.



GRUPOALMEDINA

BIBLIOTECA NACIONAL DE PORTUGAL – CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

Centro de Estudos Sociais – Laboratório Associado

Universidade de Coimbra

DICIONÁRIO DAS CRISES E DAS ALTERNATIVAS

ISBN 978-972-40-4820-8

CDU 316

338

num modelo conveniente de família como extensão do poder masculino. Trazer o pessoal ao político como grito emancipatório é mais do que trazer a intimidade, é politicizar e visibilizar um mundo de relações (de cuidados, de sexualidades, mas também de violências) e contribuições; é, por exemplo, valorizar o trabalho que nele acontece e que não entra nas contas da economia dominante, distribuí-lo de forma mais justa entre os sexos de maneira a que as mulheres tenham oportunidades no público e os homens no privado. É dizer que ambos se intersejam.

Os feminismos contestam o mundo existente e propõem uma modificação real da distribuição do poder na sociedade a partir de uma consciência crítica sobre as injustiças e sobre as ausências, e por isso se constituem como pensamento alternativo. Para eles, o desenvolvimento e a felicidade implicam mudanças profundas e duradouras na estrutura social, no funcionamento das instituições, nos valores culturais.

Rosa Monteiro

Festa

Encontro de prazer com a vida. Ou seja, encontro complexo com o mesmo, que significa, de forma inevitável, o encontro com o absolutamente outro. Nestes ecos marcuseanos, os ecos platônicos: no movimento do desejo pelo encontro, a expansão de si acontece, na assunção de um risco para o sujeito que de si se esquece nesse ato de descentramento e de reconhecimento da sua própria incompletude. A festa – esse encontro vital – resulta, assim, já da experiência individual de crise. Quando essa experiência – que é uma ordem fora da ordem dominante (a primeira lei do humano é a desobediência, proclamava Milton no início da nossa modernidade, de forma só aparentemente paradoxal) – acontece no espaço do coletivo e na praça pública, temos a poesia na rua (às vezes, a revolução), isto é, o encontro de prazer com a infinita abertura à possibilidade, que se traduz na reinvenção criativa da comunidade. Essa crise só pode, assim, entender-se como a prática de uma cidadania ativa que levará, forçosamente, à festa e/ou à expansão do humano.

A festa é pois o resultado de uma crise criativa e/ou vital, e torna-se absolutamente necessário que a exercitemos – contra aqueles/as que desconhecem, ou que esqueceram, a dimensão libertária, porque humana, de crise: que é, sempre, uma dimensão complexa, múltipla e plurivocal. Hoje, são eles/as os/as detentores/as de uma só verdade sobre a crise mundial e

têm nas mãos toda a parafernália das luzes da (má) política e dos (maus) média para nos convencerem de que não temos alternativas à visão limitada da “sua” crise – crise financeira e económica de um sistema que cada vez mais evidencia sinais da morte que os/as domina.

Quais feiticeiros de Oz, esses homenzinhos, atrás da grande máquina do espetáculo de luzes, parecem desconhecer qualquer encontro de prazer com a vida, insistindo em criar limites à nossa (sua) própria humanidade. Porém, essa humana ausência de limites, celebrada ao longo de toda a Idade Média – da dança macabra ao Carnaval –, ecoa ainda na permanência deste último (surtem medidas para o eliminar) e nos bakhtinianos processos de carnavalização que alguma arte contemporânea trabalha. E que dizer desses ecos na festa como forma recente de participação em processos de combate social? Movemo-nos e o encontro (com o outro e/ou a alternativa) é lei.

Graça Capinha

Financeirização

Conceito cunhado pela economia política para designar a mais importante transformação estrutural do capitalismo desde a crise da década de 1970: a crescente influência dos mercados financeiros (dos seus atores, processos, e produtos) na atividade das famílias, empresas e economias. Estes mercados expandiram-se de um modo extraordinário com a emergência de instituições dedicadas à criação e transação de complexos produtos financeiros a que se atribuíam obtusos acrónimos. Em 2007, o valor total dos ativos financeiros superava o PIB mundial em três vezes e meia.

Este processo está intimamente ligado às políticas neoliberais de privatização dos bancos, de abolição dos controlos de capitais e de desregulamentação e descompartimentação dos mercados financeiros. Para além do aumento das crises financeiras, face ao período dito de “repressão financeira” do pós-guerra, podemos assinalar outros padrões perversos.

Uma aliança entre gestores e acionistas impacientes forçou as empresas a levar a cabo estratégias de curto prazo de valorização das suas ações, fortemente parasitárias do investimento produtivo de longo prazo. Esta pressão contribuiu para uma quebra dos rendimentos do trabalho no rendimento nacional em muitos países desenvolvidos e para um aumento das desigualdades. Num contexto que é também de retração da provisão pública, os trabalhadores ficaram mais dependentes do sistema financeiro. O acesso a